

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO PARÓDICA NA OBRA *A HORA DA ESTRELA* DE CLARICE LISPECTOR

Orlivalda de Souza Reis*

Resumo: O texto literário se singulariza diante dos demais tipos de discursos, porque faculta ao leitor, em momentos distintos, lançar novos olhares. Em *A hora da estrela*, Clarice traz para o primeiro plano a miséria, na figura da mulher pobre, mulata, nordestina, feia e órfã. Ela também retoma, desenvolve e aprofunda a indagação existencial e a problematização das formas de narrar que lhe acompanham desde o início de sua obra, reatualizando a sua poética. Objetiva-se, aqui, apresentar *A hora da estrela* enquanto representação paródica.

Palavras-chave: Representação paródica; Clarice Lispector; Literatura brasileira.

1. INTRODUÇÃO

Comentar a obra *A hora da estrela* de Clarice Lispector não é tarefa simples. É um grande desafio a idéia de analisar o seu texto, principalmente, porque seu modo peculiar de articular a palavra e o seu ar misterioso causaram e ainda causam certa inquietação entre os críticos literários. Clarice nos diz: “*Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas.*” No seu exercício de metalinguagem nos diz o quanto é árduo tecer o texto. Imaginemos os “leitores ingênuos” enveredando no mundo clariceano, e se sentindo um pouco Macabéa. Não, não desistiremos, sabemos o quão é difícil decifrar os escritos, todavia, Clarice nos diz também ser difícil fazê-los, mostrando sua rara sensibilidade, isto não podemos negar, nem sequer os “ingênuos” que tentam decifrá-los. São histórias de gente, e gente todos nós, Macabéos, o somos, por isso mesmo que venham os enigmas: **A hora da estrela**.

Não é nossa pretensão fazer uma análise exaustiva do romance *A hora da estrela*, pretende-se tão somente propor uma leitura da obra abordando alguns aspectos da representação paródica. E como toda leitura, a aqui proposta, é apenas uma leitura dentre as possíveis.

2. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A OBRA DE CLARICE LISPECTOR

É com o romance **Perto do coração selvagem** que a escritora Clarice Lispector estréia, na década de 40, no cenário literário brasileiro. Neste período, a literatura brasileira estava apoiada, principalmente, na produção ficcional regional. Tais obras, na maioria situando o Nordeste do país, tratavam das relações do homem com a aquela realidade. Denunciavam-se as relações de favor e a política do coronelismo. Prevalencia o interesse pelo tema social e coletivo. O romance regionalista funcionava, para a intelectualidade brasileira, como um instrumento precioso de revelação do país. Um realismo documental triunfava: as obras revelavam indivíduos mal inseridos numa coletividade, bem como as estruturas familiares e de compadrio.

* Especialista em Educação. Pesquisadora voluntária do Grupo de Pesquisa Edição e Estudo de Textos da UNEB. Professora de Filosofia da SEC-BA. Aluna Especial do Mestrado em Letras da UFBA.

A prosa de Clarice vai manter grande contraste com essa literatura em vigor. Isto ocorre pelo caráter introspectivo de seu texto, no qual o uso intensivo do discurso indireto livre, para captar o pensamento das personagens, faz quase desaparecer a história propriamente dita. Esse modo de narrar busca uma espécie de relação psíquica das personagens.

Segundo o crítico literário Benedito Nunes (1995), a primeira obra de Clarice Lispector impôs-se à atenção da crítica pela novidade que a densidade psicológica, a maneira descontínua de narrar e a força poética do romance representaram no panorama da ficção brasileira, então marcado pelo documentarismo social da década de 30. Seria, portanto, para este e outros críticos, o primeiro romance brasileiro dentro do espírito e da técnica de Joyce e Virginia Woolf.

Para Antônio Cândido (1970, p.125-31),

“a obra de estréia de Clarice é uma tentativa impressionante para levar a nossa língua canhestra a domínios pouco explorados, forçando-a a adaptar-se a um pensamento cheio de mistério, para o qual sentimos que a ficção não é um exercício ou uma aventura afetiva, mas um instrumento real do espírito, capaz de nos fazer penetrar nos labirintos mais retorcidos da mente.”

Alfredo Bosi (1988), ao tratar do significado da obra clariceana, diz que na gênese dos contos e dos romances de Clarice há uma exacerbação do movimento interior que, a certa altura do seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise. O espírito, perdido no labirinto da memória e de auto-análise, reclama um novo equilíbrio. Que se fará pela recuperação do objeto. Não mais na esfera convencional de algo-que-existe-para-o-eu (nível psicológico), mas na esfera da sua própria e irredutível realidade. O sujeito só se salva aceitando o objeto como tal; como a alma que, para todas as religiões, deve reconhecer a existência de um Ser que a transcende para beber nas fontes da sua própria existência. Trata-se de um salto psicológico para o metafísico, salto plenamente amadurecido na consciência da narradora.

Nunes (1995) afirma que o romance de estréia de Clarice abre novo caminho para a nossa literatura, na medida em que incorporou a mimese centrada na consciência individual como modo de apreensão artística da realidade. Desse centro mimétrico, responsável pela ficção introspectiva dos romances e contos de Clarice Lispector, parte o eixo preliminar e direcional do desenvolvimento da obra de Clarice. Nos romances posteriores de Clarice acentua-se um horizonte reflexivo e até especulativo de sondagem existencial. Toda uma temática de existência projeta-se através das situações das personagens. Mas de romance para romance registram-se variações do ponto de vista do sujeito narrador e do próprio discurso narrativo.

O autoconhecimento e a expressão, a existência e a liberdade, o eu e o mundo, o conhecimento das coisas e as relações intersubjetivas, a humanidade e a animalidade são os pontos de referência do pensamento de Clarice Lispector, cuja continuidade temática é possível de ser percebida a partir de **Perto do coração selvagem**. Mas é a partir de **Laços de Família** que se definem os perfis mais freqüentes de Clarice. Nos contos, predominam o modelo da dona de casa pequena burguesa em conflito com sua condição de mãe e esposa, vivendo um cotidiano institucionalizado, abafado pelo peso da rotina. Tal modelo contrasta com as mulheres dos romances, que vivem em geral sozinhas, não têm relações amorosas estáveis nem filhos. Estas últimas personagens vivem em contato com a cultura urbana letrada e não revelam problemas de ordem financeira. Exercem profissões definidas, algumas elegantes, tais como secretária, professora, pintora, escultora, escritora. Envolvidas na própria subjetividade também enfrentam solidão e melancolia. Excluída desses perfis – de uma forma ou de outra vinculada à cena urbana

social - estará a personagem Macabéa de **A hora da estrela**, cuja miséria e ignorância lhe vedam o acesso à cidade grande e à constituição familiar.

Como vimos, os críticos da obra clariceana apontam o social, o existencial, o lingüístico e o feminino como sendo temática de sua obra, os quais, conforme se pode depreender da leitura destes, ora aparece um, ora aparece o outro e, muito raramente, a relação dinâmica entre eles. Essas coisas todas não estariam relacionadas entre si? No romance **A hora da estrela**, obra objeto de nossa análise, parece que todos estão presentes. É claro que neste romance o veio social é aí mais evidente: Macabéa é um símbolo de todos os oprimidos, pretos, mulheres, classes trabalhadoras e culturas dependentes, ou seja, de culturas inteiras feminilizadas, enegrecidas e empobrecidas. Clarice não estaria indagando, investigando, problematizando e, indiretamente, apontando, retratando, denunciando? Os motivos devem ser muitos, mas por certo, os modelos têm um papel importante: o diário íntimo, a Bíblia, Virginia Woolf e Katherine Mansfield.

Parece-nos claro que em **A hora da estrela** estão presentes as questões existenciais e estéticas que, de uma ou de outra forma, a escritora persegue no conjunto de sua obra. Aqui também vamos encontrar as paradas, as hesitações nas quais o narrador se questiona sobre os rumos da história que ameaça permanentemente não se completar. Entretanto, não podemos perder de vista que, neste romance, Clarice traz para o primeiro plano a miséria que convive com o luxo da cidade, na figura da mulher pobre, mulata, nordestina, feia, órfã, mas, ao mesmo tempo, a autora retoma, desenvolve e aprofunda, em grande parte por causa disso, a indagação existencial e a problematização das formas de narrar que lhe acompanha desde o início de sua obra reatualizando sua poética.

3. ALGUNS ASPECTOS PARÓDICOS EM A HORA DA ESTRELA

3.1 Considerações sobre a representação Paródia¹ na obra de Clarice

Segundo Olga de Sá (1993), *ser/linguagem, existir/escrever, sentir/pensar* são indagações fundamentais que percorrem a obra de Clarice, as quais apresentam dois focos imantados que polarizam metáforas, imagens, recursos sintáticos, sinestésias, paranomásias, oxímoros, repetições. De um lado estaria o pólo epifânico, constituído pelos procedimentos das epifanias da beleza, que revela o ser num dado momento excepcional e convidam a personagem a revirar a própria existência. E do outro o paródico, constituído pela paródia séria, que denuncia o ser pelo desgaste do signo, descrevendo o que foi escrito, num perpétuo diálogo com seus próprios textos e com outros do universo literário. Deste modo, teríamos em Clarice Lispector uma intertextualidade e uma intratextualidade como procedimentos paródicos.

Em **A hora da estrela** o que Clarice estaria parodiando? Estaria parodiando uma tendência, um estilo que, naquele momento, se encontrava dominante entre os escritores brasileiros? Nas linhas que se seguem não será apresentada uma resposta conclusiva nem profunda, ao contrário, apresentaremos tão somente uma proposta de leitura do romance como sendo uma representação literária como efeito parodístico: representação paródica realista, representação paródica da feminilidade. E é por esta razão que o trabalho se intitula “Alguns aspectos paródicos em **A hora da estrela**.”

¹ O termo paródia é aqui utilizado no sentido de “um jogo intertextual”. É claro, diferente de *burlesco* e de *subgênero*.

3.1.1 A hora da estrela: representação paródia realista

A enigmática **A hora da estrela**, dentre outras coisas, dialoga, principalmente, com outros escritos de Clarice e com textos de vários escritores brasileiros, constituindo-se em um jogo intertextual. Acreditamos que a obra em questão apresenta dois tipos básicos de efeitos parodísticos: o formal² e o temático. O primeiro consiste na desconstrução dos efeitos técnicos e do estilo dos romances neo-realistas produzidos no Brasil na década de 40. O segundo tipo constitui na caricatura de outros textos e/ou personagens da obra da própria escritora, retomando sua obra e a reescrevendo. No momento apenas trataremos do primeiro tipo. O segundo será comentado no item **A hora da estrela: representação paródia da feminilidade**.

Em **A hora da estrela** Clarice, ao mesmo tempo e com o mesmo fio que tece o seu texto, desfia o fazer literário. A escritora, para alcançar este tecer e desfiar, escreve, ironicamente, o que nunca tinha feito: um breve romance regional neo-regional “*ou novela ou essa coisa aí*”; cria um narrador onisciente homem; e narra os sucessivos passos da construção ou desconstrução da personagem.

A escolha formal de um gênero literário está além da necessidade vital e misteriosa do ato de escrever. A obra em questão subverte os sinais estruturais dos gêneros literários. Sua postura narrativa é produzir um texto fragmentário. Na realidade, o texto termina por ser “um jogo de encaixes narrativos”: Rodrigo é narrador de Macabéa e protagonista de uma outra história que transcorre cruzada a dela, isto é, a história do processo de construção do texto.

Como escrever um livro com uma personagem miserável e com fatos ralos? Para fazer isso a escritora recorre ao desmascaramento na máscara de seu heterônimo Rodrigo, pois a história que deseja escrever deve ser “*simples e fria*” e para executar tal missão é necessário “*um escritor homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas.*”

A proposta estilística para o livro de Rodrigo é uma história sóbria, pois a narrativa é “*exterior e explícita*”. Ninguém melhor que o porta-voz de Clarice, Rodrigo S.M, para nos revelar o processo de construção/ desconstrução da narrativa:

Será um “canto alto agudo uma melodia sincopada e estridente. A história a ser narrada será o resultado de uma visão gradual. É visão de imanência. É claro que a história é verdadeira embora inventada. Poderei contar porque captei numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento perdido de uma moça nordestina. Terá uns sete personagens e, eu sou um dos mais importantes deles é claro. Eu, Rodrigo S.M ... não quero ser modernoso e inventar modismos à guisa de originalidade. Pretendo contar uma história exterior e explícita. Não serei piedoso com minha personagem principal, ao contrário, farei um relato dolorosamente frio. Teria que ser um escritor homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas. Pretendo escrever cada vez mais simples. O material de que disponho é parco e singelo demais, as informações sobre os personagens são poucas e não muito elucidativas. É claro que, como todo escritor, tem a tentação de usar termos suculentos: conheço adjetivos esplendorosos, carnudos substantivos e verbos tão esguios que atravessam agudos o ar em vias de ação. Terei que falar simples para captar a delicada e a vaga existência de minha personagem. O que escreverei não pode ser absorvido por mentes que muito exijam e ávidas de requintes. Que não se

² A nomenclatura **formal** e **temática** é utilizada por Afonso Romano SANT’ANA (1999).

esperem, então, estrelas no que se segue: nada cintilará, trata-se de matéria opaca e por sua própria natureza desprezível por todos. E o que escrevo é uma névoa úmida. Este livro será feito sem palavras. É uma fotografia muda. Escreverei sobre a realidade. Escrevo em traços vivos e ríspidos de pintura. Estarei lidando com os fatos como se fossem as irremediáveis pedras de que falei. Mas ao escrever – que o nome real seja dado às coisas. Cada coisa é uma palavra. Quando escrevo não minto. Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. A história me desperta por ser simples demais. Mas a sua elaboração é muito difícil. E a palavra não pode ser enfeitada e artisticamente vã, tem que ser apenas ela. Não entro em contato com ninguém. E por enquanto nada leio para não contaminar com luxos a simplicidade de minha linguagem.”³

Quanto ao tecer e desfiar do texto, ainda temos que tecer comentários a respeito da valorização do tempo – cronológico e psicológico – que se refere ao autor-narrador. A figura de Rodrigo S.M., discutindo a função do escritor, desmascara não só o processo da escrita, mas também o tempo a ele dedicado. Não é à toa que Rodrigo pára de escrever, retoma o texto, perde páginas e reescreve trechos.

É bom observar que as paradas e as hesitações tão presentes nos contos e romances de Clarice também reaparecem em **A hora da estrela**, nas quais o narrador questiona os rumos da história que ameaça permanentemente não se completar. E aqui tampouco a metalinguagem se isola do contexto, do espaço e do movimento histórico em que se processam a narração e o narrado.

A sua maior preocupação é o tempo. Sua intenção principal é alongar, no tempo da escrita, a possibilidade de adiamento de seu próprio futuro, onde estará a morte. O narrador usa como expediente narrativo o adiamento do início da história, bem como sua interrupção de escrita por alguns dias. Agindo desta forma, o narrador parece desejar sobrepor à camada objetiva do tempo que transcorre uma outra, subjetiva, que ele domine.

3.1.2 **A hora da estrela**: representação paródia da feminilidade

A personagem Macabéa é nordestina, feia, miserável, tuberculosa, dolorosamente ignorante, ingênua, virgem e profundamente solitária e carente de relações familiares. Rodrigo, o narrador-personagem da história, considera sua personagem um ser incompetente para a vida. “*Ela era incompetente. Incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Só vagamente toma conhecimento da espécie de ausência que tinha de si em si mesma. Vivía de si mesma como se comesse as próprias entranhas.*” Esse julgamento antecipado de Rodrigo revela-nos que a mais ostensiva marca da existência de Macabéa é ser uma explícita negação. Macabéa é, acima de tudo, um avesso sociocultural do perfil feminino antes descrito na obra de Clarice. Em sua pobreza mental e material, a personagem é a antítese não só de Ângela em **Sopro de Vida**, mas de quase todas as suas antecessoras, donas de casa, viúvas, velhas, mulheres cultas e independentes.

Há, portanto, em **A hora da estrela**, uma norma que define por oposição o que não ter e não ser. Nem bonita, nem culta, nem inteligente, nem independente financeiramente, nem ligada

³ Reunimos, compondo “uma unidade”, alguns trechos da obra em que o narrador fala sobre o seu processo de criação. Todas as citações apresentadas no presente trabalho foram extraídas de Clarice LISPECTOR. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

amorosamente a um homem que a conduzisse e amparasse, Macabéa percorre o romance acumulando camadas narrativas dessa negação.

Essa negação de Macabéa é denominada por Telma Vieira (1998) de “*processo de desconstrução, ou seja, há uma deseroização da protagonista à medida que suas características são reveladas*”.

Parece que Clarice debruça-se sobre a mulher de outra classe e condição cultural para nela investigar uma feminilidade outra, virtualmente desconhecida. Para atingir o retrato da marginalidade de Macabéa, o tom da obra só poderia estar no domínio da paródia e da ironia.

A escritora revê, através do grotesco, as mesmas relações amorosas antes centradas na figura da mulher burguesa e culta. Macabéa, tanto quanto suas antecessoras, sofre a solidão, ama um homem, deseja o que não tem e morre. Ou seja, por trás da pobreza e da ignorância está o mesmo destino feminino já escrito por Clarice em obras anteriores. Macabéa é outra, mas é também a mesma. Macabéa é então uma paródia da feminilidade.

No paulatino e penoso contato com a história que escreve, o narrador vai privando Macabéa de insígnias tradicionais da feminilidade. Rodrigo a narra despojando a personagem de mecanismos de interação social, de instrumentos de sedução e de relações amorosas. A personagem percorre páginas e páginas da narrativa como um ser anônimo e indefinido.

À pobreza narrativa atribuída ao perfil da personagem, Rodrigo acrescenta rápidos dados biográficos que encobrem a identidade da moça, pois não lhe dão marcas nítidas de sua origem familiar ou raízes culturais.

Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não falta a ninguém... (p.13)

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e a ao que eu sabia nenhuma reclama por não saber a quem. (p.14)

A pessoa de quem vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham. (p.15)

Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão - os maus antecedentes de que falei. Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas... (p. 28)

A versão paródica do ser feminino é incompatível com os símbolos de beleza e encanto tradicionalmente atribuídos à mulher. Rodrigo insere Macabéa no texto como uma personagem insignificante, de vida murcha. Símbolo do feminino que desabrocha e que se colhe para a vida, a imagem da flor é usada ao contrário e Macabéa surge como negação da metáfora.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como enfatizamos na introdução da nossa leitura da obra **A hora da estrela**, não temos pretensão de ser exaustivos e nem tão pouco apresentar pontos de vistas categóricos. As palavras que seguem são as últimas de um momento que deveria ser o começo.

Vimos que se Clarice, em **A hora da estrela**, traz para o primeiro plano a miséria que convive com o luxo da cidade, na figura da mulher pobre, mulata, nordestina, feia e órfã, não é menos verdade que ela retoma, desenvolve e aprofunda em grande parte por causa disso – na medida em que se aguça o problema do ser ou não ser quando conformado ao ter ou não ter -, a indagação existencial e a problematização das formas de narrar que lhe acompanham desde o início de sua obra, reatualizando a sua poética.

Em **A hora da estrela**, a própria Clarice concorre para a leitura realista, pois, ao explicar sua gênese, a partir de uma encomenda do editor, nos fala de uma “verdadeira descoberta” da realidade que teria feito.

REFERÊNCIAS

- BEDASEE, Raimunda. **Violência e ideologia feminista de Clarice Lispector**. Salvador: EDUFBA, 1999.
- BOSI, Alfredo. **A história da literatura brasileira**. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1988.
- CAMPOS, Haroldo de. **A metalinguagem e outras metas**. São Paulo: Perspectivas, 1992. p. 183-8.
- CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970. p.125-31.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil: era modernista**. 3ed. Rio de Janeiro: José Olympico, 1986.
- NUNES, Benedito. A paixão de Clarice Lispector. In: Cardoso, Sérgio *et al.* **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- NUNES, Benedito. O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector. 2 ed. São Paulo: Ática, 1995.
- SÁ, Olga de. **Clarice Lispector: a travessia do oposto**. 2 ed. São Paulo: Annablume, 1993.
- SANT’ANA, Afonso Romano. **Análise estrutural de romances brasileiros**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- SANT’ANA, Afonso Romano. **Paródia, paráfrase e cia**. 7 ed. São Paulo: Ática, 1999.
- SPERBER, Suzi Frankl. Jovem com ferrugem. In: SCHWARZ, Roberto (Org.). **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.154-64.
- VIEIRA, Telma Maria. **Clarice Lispector: uma leitura instigante**. São Paulo: Annablume, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. **Laços de família: contos**. 8 ed. Rio de Janeiro: José Olympico, 1977.